



A DIGNIDADE PECULIAR DO HOMEM — A EXCELÊNCIA DE SUA ALMA RACIONAL¹

A RACIONALIDADE HUMANA COMO EXPRESSÃO DA IMAGEM DE DEUS

 SOUSA, Plínio².

RESUMO: Este artigo examina a dignidade peculiar do homem à luz da doutrina cristã da imago Dei, sustentando que a excelência da natureza humana não reside em suas disposições corpóreas, mas na posse da alma racional. Mediante abordagem teológico-filosófica fundamentada nas Escrituras divinas, na tradição agostiniana e na metafísica aristotélico-tomista, demonstra-se que, embora o homem seja inferior a diversos animais em determinadas potências vegetativas e sensitivas, distingue-se absolutamente pela faculdade intelectual, capaz de apreender universais, conhecer causas, deliberar racionalmente e ordenar meios aos fins. A exposição desenvolve a hierarquia das potências da alma, enfatizando a singularidade da alma racional como princípio formal da racionalidade humana e expressão própria da imagem de Deus. Em seguida, evidencia-se que as artes, as ciências, a cultura, a técnica, a linguagem, a organização política e as demais realizações humanas procedem da atividade do intelecto, e não do instinto, revelando a capacidade exclusivamente humana de conhecer a verdade, transformar a natureza e transmitir o conhecimento entre as gerações. Conclui-se que a superioridade humana não consiste na intensidade das potências sensíveis, mas na excelência da razão, por meio da qual o homem exerce domínio sobre a criação, manifesta sua vocação cultural e reflete, de modo singular entre as criaturas terrenas, a imagem do seu Criador.

Palavras-chave: Imagem de Deus; Alma racional; Antropologia; Filosofia; Intelecto; Dignidade humana.

ABSTRACT: *This article examines the distinctive dignity of humanity in light of the Christian doctrine of the imago Dei, arguing that the excellence of human nature does not lie in bodily capacities but in the possession of a rational soul. Employing a theological-philosophical approach grounded in Scripture, the Augustinian tradition, and Aristotelian-Thomistic metaphysics, it demonstrates that although human beings are inferior to many animals in certain vegetative and sensitive powers, they are absolutely distinguished by their intellectual faculty, which enables the apprehension of universals, the knowledge of causes, rational deliberation, and the ordering of means toward ends. The study develops the hierarchy of the soul's powers, emphasizing the rational soul as the formal principle of human rationality and the proper expression of the image of God. It further argues that the arts, sciences, culture, technology, language, political organization, and all genuinely human achievements arise from intellectual activity rather than instinct, revealing humanity's unique capacity to know truth, transform nature, and transmit knowledge across generations. The article concludes that human superiority does not consist in the intensity of sensory powers but in the excellence of reason, through which humanity exercises dominion over creation, fulfills its cultural vocation, and uniquely reflects the image of its Creator among earthly creatures.*

Keywords: *Imago Dei; Rational Soul; Anthropology; Philosophy; Intellect; Human Dignity.*

¹ DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.22036528> — Para manter a uniformidade formal e a organização do texto, adotou-se, ao longo deste artigo, o padrão de parágrafos com extensão aproximada de seis a doze linhas. Exceções poderão ocorrer quando a natureza do argumento, a citação de fontes ou a estrutura lógica da exposição assim o exigirem.

² Fundador, Reitor e Docente do Instituto Reformado Santo Evangelho (IRSE), Fundador e Diretor-Geral da Editora Reformada Santo Evangelho (ERSE) e Fundador e Diretor de Jornalismo do Jornal Vetera (JV), onde também atua como Jornalista (DRT 0013576/DF). É Bacharel, Mestre e Doutor em Teologia, Licenciado em Pedagogia, além de possuir pós-graduações em Teologia, Docência do Ensino Superior, Gestão de Organizações Educacionais, Ciências da Religião, Didática e Metodologia para o Ensino de Língua Portuguesa e Direito Constitucional. Atualmente, cursa Licenciatura em Letras (Português e Inglês), especializações em Filosofia e Teologia Sistemática, bem como estudos de Língua Latina. Dedica-se ao ensino, à pesquisa e à produção intelectual nas áreas de Educação Clássica, Filosofia e Teologia. E-mail: reitoria@irse.com.br

“Não pelo corpo, mas pelo intelecto; capaz de Deus pela alma racional” (Non propter corpus, sed propter intellectum; capax Dei per animam rationalem)³.

“E disse Deus: — Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou, e Deus lhes disse: — Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. E disse Deus: — Eis que vos tenho dado toda a erva que dê semente, que está sobre a face de toda a terra; e toda a árvore, em que há fruto que dê semente, ser-vos-á para mantimento” (Gênesis 1:26 – 29⁴).

“Deus criou o ser humano da terra e o fez segundo a sua imagem. E novamente o fez retornar à terra, revestindo-o de força conforme a sua própria natureza. Concedeu-lhe número de dias e tempo determinado, deu-lhe domínio sobre tudo o que está na terra. Fê-lo temido por todos os seres vivos, fê-lo senhor dos animais e dos pássaros. Deu-lhe inteligência, língua, olhos, ouvidos e coração para pensar. Encheu-o com a disciplina do entendimento e revelou-lhe o sentido da sabedoria. Encheu-o também com o conhecimento do entendimento, mostrando-lhe o bem e o mal. Colocou os seus olhos sobre o coração deles, para revelar-lhes a grandeza das suas obras” (Eclesiástico 17:1 – 8⁵).

³ Esta expressão resume a concepção clássica da dignidade peculiar do homem. Quando se afirma “não pelo corpo, mas pelo intelecto”, expressa-se a ideia de que a excelência humana não reside primariamente na força corporal, na velocidade ou nas capacidades sensíveis, mas na faculdade racional pela qual o homem conhece, delibera, julga e ordena suas ações segundo fins conscientes. A expressão “capax Dei” (“capaz de Deus”) indica que a alma humana, por ser racional, possui uma abertura própria para conhecer a verdade, buscar o bem supremo e relacionar-se com o Criador. Essa capacidade não pertence às demais criaturas da mesma maneira, pois somente o homem possui uma alma racional capaz de transcender o particular e apreender realidades universais. Assim, a frase une dois aspectos fundamentais da antropologia cristã clássica: — “a superioridade do intelecto sobre as potências corporais e a vocação da alma racional para conhecer e contemplar Deus, sendo esta a mais elevada expressão da imagem divina no homem”.

⁴ Almeida Corrigida Fiel (ACF).

⁵ O texto apresenta uma visão elevada da natureza humana: — o ser humano é criado a partir da terra, mas não é reduzido à matéria, pois recebe a marca da imagem de Deus. Sua dignidade não está apenas em sua existência corporal, mas nas faculdades que lhe são concedidas: — inteligência, linguagem, percepção e capacidade de julgar. Em outras palavras, “o homem é pó da terra em sua constituição corporal, mas imagem de Deus em sua alma racional”. Sua grandeza não está em ser imortal ou fisicamente superior às criaturas, mas em ter recebido entendimento para conhecer, governar e buscar a Deus. Ao afirmar que Deus deu ao homem “coração para pensar”, o texto expressa a ideia de que o ser humano possui uma faculdade interior de reflexão e discernimento. Ele não apenas reage aos estímulos da natureza como os animais, mas conhece, avalia e ordena suas ações segundo o entendimento. O domínio sobre as feras e as aves não significa apenas força física, mas uma autoridade derivada da razão: — “o ser humano compreende a criação, nomeia, utiliza e governa as coisas segundo fins conscientes”. Assim, a passagem une três elementos fundamentais: — “a origem terrena do homem, sua dignidade como imagem de Deus e sua excelência como criatura dotada de razão”. [Latim] — “Deus de terra creavit hominem, et secundum imaginem suam fecit illum. Et iterum convertit illum in ipsam, et secundum se vestivit illum virtute. Numerum dierum et tempus dedit illi, et dedit illi potestatem eorum quae sunt super terram. Posuit timorem illius super omnem carnem, et dominatus est bestiarum et volatiliu. Sensum, et linguam, et oculos, et aures, et cor dedit illis excogitandi. Disciplina intellectus replevit illos, sensum sapientiae ostendit illis. Et scientiam intellectus replevit illos, bona et mala ostendit illis. Posuit oculum suum super corda illorum, ostendere illis magnalia operum suorum” (Ecclesiasticus 17:1 – 8).

1. INTRODUÇÃO

Da aparente inferioridade corpórea do homem na ordem natural da criação. Quando contemplamos a criação, percebemos uma realidade aparentemente paradoxal: — “sob muitos aspectos e em inúmeras particularidades, o homem, embora seja um animal racional, parece ocupar uma condição de fragilidade e indigência natural quando comparado às diversas perfeições sensíveis existentes nos demais animais”. Se compararmos o corpo humano ao de inúmeros animais, sob determinados aspectos e qualidades, veremos facilmente nossa inferioridade. Tal como o cavalo que possui força e resistência muito superiores às nossas. Seu couro suporta condições que facilmente lesionariam a pele humana. O leão, por sua vez, dispõe de presas e garras capazes de despedaçar um homem em instantes. Já no urso encontra-se uma potência física que nenhum ser humano poderia enfrentar em igualdade de condições apenas mediante suas capacidades naturais.

O mesmo ocorre com os sentidos. A águia foi dotada de uma visão formidável, capaz de perscrutar opimamente a terra com extraordinária acuidade visual, mesmo a grandes distâncias, e identificar uma pequena presa, como uma serpente ou uma lebre, que, nas mesmas condições e sob os mesmos aspectos, permanece imperceptível aos olhos humanos. No homem há naturalmente uma visão limitadíssima; contudo, aquilo que lhe falta nos sentidos foi-lhe concedido em inteligência. O homem não é superior à águia porque vê melhor, mas sim porque pode conhecer a natureza da águia, estudar seus hábitos, capturá-la, protegê-la, treiná-la ou até mesmo criar ferramentas que superem, em muito, suas habilidades e perícias naturais. Este animal detém potências cognitivas sensíveis e potências apetitivas sensitivas admiráveis; porém, apenas o homem, enquanto animal racional, traz consigo o gênio de não somente compreender, mas ordenar tais potências, e assim já o fez⁶.

⁶ Na tradição clássica, a alma é compreendida segundo diferentes graus de perfeição: — “alma vegetativa, alma sensitiva e alma racional”. Cada grau possui potências próprias, isto é, capacidades correspondentes à natureza de cada ser. A alma vegetativa, presente nas plantas, possui as potências fundamentais da vida orgânica: — “nutrição, crescimento e reprodução”. A alma sensitiva, própria dos animais, possui essas capacidades e acrescenta a faculdade de perceber e responder ao mundo exterior. Essas capacidades são chamadas de potências sensitivas ou faculdades sensitivas. As potências sensitivas podem ser divididas em duas grandes categorias. Primeiro, as [potências sensitivas cognitivas], pelas quais o animal conhece sensivelmente a realidade. Nelas estão os sentidos externos — visão, audição, olfato, tato e paladar — e também os sentidos internos, como imaginação, memória sensitiva e a faculdade estimativa, pela qual o animal percebe algo como útil ou nocivo. Por exemplo, a águia possui uma visão extraordinária. Essa excelência não significa que ela possui uma inteligência superior, mas que sua potência sensitiva visual é mais desenvolvida. Ela consegue perceber detalhes a grandes distâncias e identificar uma presa que seria imperceptível aos olhos humanos. Segundo, existem as [potências sensitivas apetitivas], pelas quais o animal é movido em direção ou afastamento das coisas percebidas. Por elas, o animal busca alimento, foge de perigos, protege sua descendência e reage às ameaças. O predador percebe a presa e, mediante suas potências sensitivas, move-se para capturá-la. As capacidades físicas dos animais, como a força do urso, a velocidade do leopardo, as garras do leão ou a visão da águia, não são propriamente potências da alma, mas disposições corporais ordenadas ao exercício dessas potências. O corpo do animal é estruturado para servir às suas faculdades sensitivas. A diferença fundamental entre o animal e o homem está no fato de que o homem possui uma alma racional. O animal conhece o particular: — a águia vê uma presa, o lobo percebe um perigo, o cavalo reconhece um

Outro exemplo de superioridade sensível é o cão que possui um olfato extraordinariamente superior ao nosso. Daí decorre que animais treinados para atuação policial conseguem, a partir do odor presente em uma peça de roupa de uma pessoa desaparecida, reconhecer determinados odores e auxiliar em sua localização, bem como identificar substâncias químicas, como drogas — algo que, para o homem, seria naturalmente impossível sem o auxílio de instrumentos. Muitos animais percebem sons imperceptíveis aos ouvidos humanos. A título de exemplo, os elefantes percebem sons de frequência muito baixa (infrassons), imperceptíveis aos ouvidos humanos. Essas vibrações podem viajar por longas distâncias pelo solo e pelo ar, permitindo que eles se comuniquem e percebam outros indivíduos mesmo quando estão muito afastados. Alguns enxergam no escuro com eficiência muito maior do que nós.

Dentre outros, as corujas enxergam em condições de baixíssima luminosidade com uma eficiência muito superior à dos seres humanos. Os seus olhos possuem adaptações que permitem captar mais luz, possibilitando a caça durante a noite mesmo em ambientes quase escuros. Também somos inferiores em velocidade. O ser humano mais rápido já registrado, o ex-velocista jamaicano Usain Bolt, multicampeão olímpico e mundial, detentor dos recordes mundiais dos 100 metros (9,58s) e dos 200 metros rasos (19,19s), ambos estabelecidos em 2009, alcançou marcas extraordinárias na história do atletismo, tendo conquistado o tricampeonato olímpico consecutivo nessas duas provas de velocidade. Bolt alcançou uma velocidade máxima aproximada de 44,7 km/h, um feito extraordinário na história do atletismo e algo admirável para um ser humano, considerando os limites e as capacidades próprias da natureza humana.

Malgrado isso, essa marca extraordinária ainda é inferior à velocidade alcançada por muitas outras criaturas; um cavalo de corrida, por exemplo, pode atingir cerca de 70 km/h, enquanto um leopardo pode alcançar aproximadamente 100 km/h em curtas distâncias. A título de comparação, se Bolt largasse com 50 metros de vantagem em uma corrida contra um cavalo, o cavalo, mantendo sua velocidade máxima, alcançaria essa distância em poucos segundos; contra um leopardo, a diferença seria ainda mais evidente, o animal reduziria essa vantagem em poucos segundos. Donde se segue que a excelência humana em uma potência particular não implica uma superioridade absoluta da natureza humana em todas as disposições corpóreas. Cada criatura possui potências, propriedades e disposições próprias segundo a natureza de sua espécie; algumas excedem o homem em força, outras

obstáculo. O homem, porém, além de perceber o particular, pode abstrair, conhecer causas, formular conceitos universais e compreender a ordem das coisas. Assim, embora os animais possam superar o homem em potências sensitivas específicas — como força, velocidade ou acuidade dos sentidos —, o homem os supera pela potência intelectual. A águia possui uma visão superior; o homem possui a inteligência capaz de compreender a própria visão da águia. O animal possui capacidades naturais; o homem possui a razão pela qual pode conhecer, ordenar e aperfeiçoar a criação.

em velocidade, e outras ainda em determinadas potências sensitivas, enquanto o homem se distingue pela posse da razão e da inteligência, que o elevam acima dos demais seres sensíveis.

No domínio aquático, somos superados por incontáveis criaturas dotadas de disposições naturais próprias para esse ambiente. No domínio aéreo, sequer recebemos por natureza a potência da locomoção pelo voo, capacidade concedida a diversas espécies. Se considerarmos apenas as potências vegetativas e sensitivas que o homem compartilha com os demais seres vivos, sua condição manifesta certa inferioridade relativa na ordem natural da criação, pois muitas criaturas o excedem em determinadas disposições corpóreas e sensitivas.

2. DA ALMA RACIONAL COMO PRINCÍPIO DISTINTIVO DA NATUREZA HUMANA

Entretanto, tal consideração se altera inteiramente quando se contempla aquilo que pertence ao homem de modo próprio e distintivo, a saber, sua alma racional, dotada de potência intelectiva e de potência apetitiva racional. Com efeito, embora o homem compartilhe com os demais viventes certas operações próprias da vida, sua natureza não se reduz às potências vegetativa e sensitiva. Deus o constituiu com uma alma racional, princípio primeiro de suas operações propriamente humanas, pela qual é capaz de conhecer o universal, apreender a verdade, deliberar acerca dos meios ordenados aos fins e apetecer racionalmente aquilo que reconhece como bem. É precisamente por essa alma que o homem se distingue dos demais entes corpóreos e se ordena à vida intelectual.

A potência intelectiva permite-lhe transcender o conhecimento meramente sensível e alcançar, mediante a abstração, aquilo que é inteligível; a potência apetitiva racional, por sua vez, permite-lhe ordenar suas inclinações segundo o juízo da razão, elegendo e buscando bens sob a razão de bem. Assim, a racionalidade não constitui um acréscimo meramente accidental à natureza humana, mas pertence à sua própria constituição. Desse modo, a alma racional é o princípio distintivo pelo qual o homem ocupa uma posição singular na ordem da criação. Ele não apenas existe e vive, nem somente percebe e se move segundo as determinações sensíveis; ele conhece, julga, delibera e ordena voluntariamente seus atos segundo fins reconhecidos pela razão. Por isso, a dignidade própria da natureza humana deve ser compreendida a partir dessa alma racional, pela qual o homem participa, de modo finito e criado, da ordem intelectual e se encontra naturalmente ordenado ao conhecimento da verdade e à consecução do bem.

3. DA HIERARQUIA DAS POTÊNCIAS DA ALMA E DA SINGULARIDADE DA ALMA RACIONAL

Conforme a doutrina gnosiológica⁷ de Santo Agostinho acerca da ascensão da atividade anímica pelos seus diferentes graus de operação [sete graus da atividade da alma], pode-se perceber uma gradação segundo os modos pelos quais a vida se manifesta nos seres vivos:

[1] – A “animação” (animatio), considerada no primeiro grau da perfeição vital da alma, constitui o princípio formal e vivificante pelo qual o corpo material é atualizado enquanto organismo vivo. Ela não opera como mera força motriz exterior, mas como causa interna de unidade, conservação e ordenação da matéria corpórea, impedindo sua dissolução na multiplicidade dos elementos que a compõem. Mediante esta potência vegetativa, a alma exerce as operações fundamentais da vida: — a assimilação nutritiva, o desenvolvimento orgânico e a geração segundo a forma específica do vivo. Esta operação não é exclusiva da natureza humana, mas pertence universalmente aos seres dotados de vida, incluindo os vegetais, que, embora privados de percepção sensível, participam desta primeira manifestação do princípio vital. Neste grau primordial, a alma não se encontra determinada pelas categorias próprias da extensão corpórea, mas atua como princípio unificador pelo qual o corpo subsiste como substância organizada e vivificada.

[2] – A “sensação” (sensatio), pertencente ao segundo grau da perfeição anímica, designa a operação pela qual a alma sensível não permanece indiferente às afecções sofridas pelo corpo (non latere animam quod patitur corpus). Aqui a alma manifesta uma potência superior à simples atualização vegetativa, pois ultrapassa a conservação orgânica e alcança a apreensão das formas sensíveis provenientes da realidade exterior. Por meio dos sentidos corpóreos, a alma recebe as impressões sensíveis (passiones) produzidas no encontro entre o vivo e o mundo, distinguindo as qualidades particulares dos entes: — o calor e o frio, a aspereza e a suavidade, a dureza e a maciez, bem como a diversidade das cores, sons e sabores. Nesta esfera, surge a inclinação apetitiva sensível, pela qual o vivo busca aquilo que corresponde à sua conservação natural e rejeita aquilo que lhe é contrário, conservando na memória sensitiva os vestígios das experiências percebidas. Todavia, o corpo não é propriamente o sujeito da sensação; é a alma que percebe mediante os órgãos corporais, sendo ela o princípio cognoscitivo que apreende as modificações sensíveis. Este grau, embora superior à vida

⁷ Doutrina gnosiológica: — Expressão referente ao estudo filosófico do conhecimento enquanto operação própria da alma cognoscente (“gnosis”, conhecimento; “logos”, tratado ou ciência). Investiga o modo pelo qual o sujeito apreende a realidade, considerando as potências, atos e graus do conhecimento humano. Na tradição agostiniana, a gnosiologia não se limita à análise abstrata do conhecer, mas compreende o movimento ascensional da alma através de suas diversas operações: — desde a vida vegetativa e a percepção sensível até a atividade racional e a apreensão das realidades inteligíveis. Assim, pois, a ordem das potências anímicas constitui também uma ordem de elevação cognitiva, pela qual a alma, partindo das coisas sensíveis, alcança a contemplação da verdade mediante a iluminação do intelecto.

meramente vegetativa, permanece comum aos animais irracionais, cuja existência se encontra ordenada pelo conhecimento sensível e pelos movimentos do apetite natural. Enquanto não elevada ao exercício do intelecto, a alma humana permanece limitada à ordem sensitiva, semelhante aos viventes que seguem as impressões imediatas da sensibilidade.

[3] – [Ascendendo ao terceiro grau, encontra-se a alma racional] (*anima rationalis*), princípio exclusivo da natureza humana, pela qual o homem participa da ordem intelectual e da inteligibilidade do ser. Neste nível, a potência anímica ultrapassa a repetição habitual dos movimentos sensíveis e manifesta-se pela memória intelectual, pela reflexão e pela conservação consciente dos conhecimentos adquiridos. É nesta esfera que emergem as operações próprias da razão: — a abstração das formas inteligíveis, a elaboração dos conceitos universais, a investigação das causas e a ordenação dos meios aos fins.

Por esta potência racional florescem as obras próprias do homem: — “a agricultura ordenada pela técnica, a constituição das cidades, a edificação das instituições, a elaboração dos sinais, a escrita como conservação do pensamento e da existência humana, a linguagem como instrumento de comunicação racional e a organização da vida política e social. A alma racional manifesta sua capacidade produtiva mediante as artes, liberais e mecânicas, e pelos hábitos intelectuais e virtuosos, expressando-se no cálculo, na música, na poesia, na eloquência e na previsão racional dos acontecimentos mediante a consideração dos efeitos presentes e das causas antecedentes”. Entretanto, tais operações pertencem à natureza humana enquanto tal, não sendo privilégio exclusivo dos sábios, mas possibilidade comum tanto aos instruídos quanto aos ignorantes, tanto aos virtuosos quanto aos viciosos.

Santo Agostinho reconhece neste grau a manifestação da capacidade operativa da alma racional, expressa mediante a arte e a habilidade, enquanto esta se relaciona com o corpo e com o mundo exterior, transformando a realidade sensível mediante o engenho, a imaginação e a ordem inteligível impressa pela razão. Explicados tais graus potenciais, entende-se que os animais permanentemente se encontram circunscritos ao conhecimento sensível e aos movimentos próprios da natureza instintiva. O homem, pela operação do intelecto (*intellectus*) e da razão (*ratio*), alcança a apreensão dos universais, a consideração das causas, a deliberação ordenada dos meios convenientes e a disposição dos seus atos segundo fins inteligíveis, conduzindo-se pela luz da razão ao conhecimento da verdade e à ordenação de sua existência ao seu fim último.

4. DA APREENSÃO DOS UNIVERSAIS PELA RAZÃO HUMANA

Em determinadas potências sensíveis, o leão manifesta maior força, a águia possui maior acuidade visual e o cavalo alcança maior velocidade. Mas somente o homem compreende o que são força, visão e velocidade. O leão utiliza sua força para caçar; o homem compreende racionalmente as propriedades da força e as aplica na construção de alavancas, guindastes, tratores e máquinas capazes de remover obstáculos, erguer edifícios ou resgatar uma criança soterrada. A águia utiliza sua visão para localizar presas; o homem compreende o princípio da visão e desenvolve óculos, microscópios, telescópios e instrumentos que lhe permitem enxergar tanto o infinitamente pequeno quanto o imensamente distante.

O cavalo corre velozmente para locomover-se; o homem compreende o princípio da velocidade e o emprega na construção de veículos, aeronaves e sistemas de emergência que transportam médicos, medicamentos e socorro em tempo hábil para salvar vidas. Os animais possuem essas capacidades de modo particular e instintivo. O homem, porém, apreende nelas princípios universais, reflete sobre suas causas e os ordena a uma multiplicidade de fins. É por isso que ele não apenas utiliza a força, a visão e a velocidade, mas compreende o que elas são e pode colocá-las a serviço do bem comum. Nisso reside uma das expressões mais elevadas da dignidade da razão humana.

5. DAS OBRAS DA RAZÃO E DA ORDENAÇÃO RACIONAL DA NATUREZA

Donde se segue que, necessariamente, embora o homem não possua a força do cavalo, ele cria arreios, selas e técnicas de adestramento. O resultado é que o cavalo passa a ser submetido ao serviço humano mediante adestramento e técnica. Embora não possua a velocidade de determinadas aves de voo rápido, constrói aeronaves capazes de atravessar continentes em poucas horas. Embora não possua a visão da águia, inventa lunetas, telescópios e microscópios que ampliam sua visão para além de qualquer capacidade natural dos animais. Embora não possua as garras do leão, o homem fabrica instrumentos capazes de dominar e enfrentar as maiores feras, mediante a arte mecânica do armamento. Embora não consiga respirar sob as águas como os peixes, constrói embarcações e submarinos que exploram as profundezas dos oceanos. Embora não consiga tecer teias como a aranha, projeta pontes suspensas que atravessam vales inteiros, suportando toneladas e mais toneladas.

Embora não produza colmeias como as abelhas, ergue cidades, universidades, bibliotecas e catedrais. O castor constrói uma represa utilizando troncos, galhos, lama, pedras e vegetação. Ele

derruba pequenas árvores com os dentes, transporta os materiais para cursos d'água e os organiza de modo a bloquear parcialmente o fluxo da água. Mas o homem constrói uma usina hidrelétrica. Enquanto a represa do castor é fruto de um instinto natural limitado e voltado à sua própria sobrevivência, a usina hidrelétrica é resultado da inteligência racional, do cálculo matemático, da engenharia, da ciência dos materiais e da coordenação racional de múltiplos conhecimentos e técnicas. O castor apenas retém água; o homem compreende as leis da natureza, prevê seus efeitos e as utiliza para gerar energia elétrica capaz de abastecer cidades inteiras, indústrias e sistemas de comunicação.

A diferença não está apenas na escala da obra, mas sobretudo no princípio que a produz: — o castor age por instinto; o homem age por razão, arte e deliberação consciente. O pássaro coleta gravetos, folhas e fibras, entrelaçando-os cuidadosamente para construir um ninho onde possa abrigar seus filhotes. O ser humano, por sua vez, concebe cidades inteiras. Ele planeja ruas, pontes, sistemas de abastecimento, redes de comunicação, edifícios, hospitais e escolas. O pássaro executa um padrão instintivo próprio de sua espécie; o homem projeta, calcula, aperfeiçoa e transmite seu conhecimento às gerações futuras. A abelha recolhe néctar de flores e o transforma em mel por meio de processos naturais extraordinariamente complexos. O homem, enquanto criatura racional, desenvolve ciência. Ele investiga as causas das coisas, formula hipóteses, desenvolve teorias, descobre leis da natureza e aplica esse conhecimento para transformar o mundo.

A aranha tece uma teia de grande precisão para capturar suas presas. A alma racional, entretanto, projeta e constrói pontes, catedrais, navios e observatórios. A teia da aranha impressiona pela habilidade natural; as obras humanas revelam a capacidade de abstração, cálculo e invenção. Em todos esses casos, os animais realizam obras admiráveis conforme os instintos próprios de sua natureza. O ser humano, por sua vez, age segundo a razão, elevando-se acima deles pela capacidade de conhecer, deliberar e criar, por compreender as causas, ordenar os meios e dirigir suas ações a fins conscientemente escolhidos. Ele não apenas faz; ele sabe o que faz, por que faz e para que faz. Por isso, é capaz de deliberar sobre fins, descobrir causas, desenvolver artes e ciências, corrigir seus erros e aperfeiçoar suas obras. A superioridade humana não reside apenas na complexidade dos resultados produzidos, mas na faculdade racional que os torna possíveis.

A diferença não está na intensidade das capacidades sensíveis, mas na presença da razão. É por isso que um domador pode controlar um leão. Um cavaleiro pode governar um cavalo. Um pastor pode conduzir um rebanho inteiro. Um cientista pode observar estrelas que nenhum animal possui capacidade racional para conhecer ou investigar. A superioridade humana não se encontra nos músculos, nos sentidos ou nos instintos. Se fosse assim, muitas criaturas seriam superiores a nós. A

dignidade singular do homem reside na alma racional, imagem de Deus em sentido próprio. Por ela o homem conhece a verdade, contempla a ordem da criação, produz cultura, transmite conhecimento entre gerações e exerce domínio sobre a terra. Por essa razão, a fraqueza física do homem não é sinal de inferioridade, mas um testemunho de que Deus lhe concedeu uma perfeição mais elevada. Enquanto os animais superam o homem em potências particulares, o homem supera todos eles pela potência intelectual [inteligência] que ordena, governa e dá sentido a essas potências.

6. DAS ARTES HUMANAS COMO EXPRESSÃO DA RAZÃO

O mesmo princípio pode ser observado nas artes mecânicas. Muitos animais realizam operações que guardam certa semelhança remota com as artes humanas, mas sempre de modo instintivo e particular. O homem, contudo, as exerce segundo o intelecto, a deliberação e a arte. As ovelhas produzem naturalmente a lã que as protege do frio; o homem desenvolve a arte do lanifício, transformando a lã em tecidos, vestimentas e diversos bens úteis à vida humana. Diversos animais combatem para defender território, alimento ou prole; o homem desenvolve a arte militar, a arte equestre e os instrumentos bélicos, concebendo instrumentos, estratégias e tecnologias ordenadas à defesa e à preservação da sociedade. Os peixes movimentam-se nos ambientes aquáticos conforme as disposições naturais próprias de sua espécie; em contrapartida, o homem desenvolve a arte da navegação e da construção naval, projetando e construindo embarcações, estudando os ventos, as marés, os efeitos da lua sobre as águas, as correntes marítimas e os movimentos dos astros, atravessando oceanos e estabelecendo comunicação e comércio entre povos distantes.

Os pássaros recolhem sementes, diversos animais buscam alimento conforme suas necessidades imediatas e as formigas armazenam provisões para períodos de escassez. O homem, enquanto dotado de razão, desenvolve a agricultura, cultivando a terra, selecionando espécies, aperfeiçoando técnicas de plantio, armazenando colheitas em celeiros e planejando a produção não apenas para si, mas para famílias, cidades e gerações futuras. Assim, ele transforma uma necessidade imediata de subsistência em uma atividade racional e ordenada, capaz de preservar povos inteiros contra a fome e assegurar a continuidade da vida humana ao longo do tempo. O leão utiliza sua força para caçar; o homem desenvolve a arte da caça, empregando observação, estratégia, instrumentos e planejamento racional para alcançar seu objetivo. Muitos animais utilizam elementos da natureza para aliviar ferimentos ou combater enfermidades.

Alguns primatas, por exemplo, utilizam determinadas plantas de sabor amargo quando apresentam desconfortos ou parasitas; certas aves incorporam folhas, ervas aromáticas e materiais vegetais verdes, frequentemente ricos em compostos aromáticos, na construção e manutenção de seus ninhos, comportamento fascinante conhecido na biologia como a “Hipótese de Proteção do Ninho (HPN)”. Essa hipótese sugere que tal prática constitui uma estratégia pela qual determinadas espécies utilizam esses materiais vegetais para afastar ou reduzir a presença de ectoparasitas e microrganismos nocivos, que poderiam prejudicar o desenvolvimento dos filhotes. Os compostos aromáticos presentes em algumas plantas podem interferir na ação de parasitas, seja dificultando sua localização dos hospedeiros, seja reduzindo a presença desses organismos no ninho. Embora revisões posteriores tenham sugerido a denominação “Hipótese de Proteção dos Filhotes (HPF)” como mais precisa, devido ao fato de a proteção beneficiar diretamente a prole, o fenômeno permanece como um exemplo notável de comportamento instintivo associado à preservação da descendência.

Além disso, alguns animais apresentam comportamentos instintivos associados à busca de determinados elementos naturais em situações específicas, como certas plantas utilizadas em casos de desconforto digestivo. Diferentemente desses viventes, o homem desenvolve a arte da medicina em conjunto com a arte farmacêutica, investigando as causas das doenças, estudando o funcionamento do corpo, identificando propriedades terapêuticas das substâncias naturais e criando medicamentos e tratamentos sistemáticos capazes de prevenir, combater e curar enfermidades, restaurando e preservando a vida. Certas aves exibem plumagens, cantos e movimentos elaborados para atrair parceiros; algumas manifestam sons harmoniosos que, em certo sentido, revelam uma disposição natural semelhante ao aspecto sensível da música. A alma racional manifesta-se também na arte musical propriamente dita, compreendendo racionalmente as proporções, ritmos e harmonias, segundo os princípios da música, enquanto parte integrante do Quadrivium.

Pela razão, o homem organiza sons segundo princípios, compõe sinfonias e óperas, utiliza técnicas mnemônicas por meio da música para preservar e transmitir conhecimentos, e produz obras capazes de comunicar verdades, despertar emoções profundas, conservar memórias e expressar realidades universais. Além disso, desenvolve a arte teatral, por meio da qual representa ações humanas, imita a realidade de modo consciente, comunica ensinamentos, preserva histórias e cultiva a imaginação e a sensibilidade. O animal manifesta sons e movimentos segundo disposições naturais; o homem transforma som, gesto e representação em artes racionais, ordenadas pela inteligência e dirigidas à comunicação de significados.

7. DA DIGNIDADE PECULIAR DO HOMEM ENQUANTO IMAGEM DE DEUS

Em todos esses casos, os animais realizam ações admiráveis conforme as disposições particulares inscritas em sua natureza. O homem, no entanto, ultrapassa o âmbito do instinto ao apreender os princípios universais presentes nessas atividades, refletir sobre suas causas e aperfeiçoá-las mediante a razão. Por isso, ele não apenas realiza ações semelhantes às dos animais, mas compreende aquilo que faz, conhece os princípios que orientam suas ações e ordena seus atos segundo fins conscientemente escolhidos. É precisamente nessa capacidade intelectual de conhecer, deliberar e criar que se manifesta a singular excelência da natureza humana — a faculdade intelectual própria da alma racional, criada segundo a imagem de Deus, pela qual o homem apreende a verdade, ordena racionalmente suas ações e manifesta sua dignidade peculiar dentre todas as criaturas.

E isto seja suficiente, por ora, para a presente questão.